

Poema da Pedra Lioz

Â Â Â

Â

"**À**lvaro Gois,
Rui Mamede,
filhos de Antônio Brandão,
naturais de Cantanhede,
pedreiros de profissão,
de sombrias cataduras
como bisontes lendários,
modelam ternas figuras
na lenticidez dos calcários.

Ali, no esconso recanto,
sô o tâmulo, e mais nada,
suspenso no roxo pranto
de uma fresta geminada.
Mas no silêncio da nave,
como um cinzel que batuca,
soa sempre um truca?truca?
lento, pausado, suave,
truca, truca, truca, truca,
sob a abóbada romântica,
como um cinzel que batuca
numa insistência satânica:
truca, truca, truca, truca,
truca, truca, truca.

Àlvaro Gois,
Rui Mamede,
filhos de Antônio Brandão,
naturais de Cantanhede,
ambos vivos ali estâo,
truca, truca, truca, truca,
vestidos de sunobeco
e acocorados no chão,
truca, truca, truca.

À No friso, largo de um palmo,
que dâi volta a toda a arca,
um cristo, de gesto calmo,
assiste ao chegar da barca.
Homens de vâria feição,
barrigudos e contentes,
mostram, no riso dos dentes
o gozo da salvação.
Anjinhos de longas vestes,
e cabelo aos caracóis,
tocam pão-faro celestes,
entre cometas e sôis.
Mulheres e homens, sem paz,
esgaseados de remorsos,
desistem de fazer esforços,
entregam se a Satanás.

Fixando a pedra, mirando a,
quanto mais o olhar se educa,

mais se estende o truca?truca?
que enche a nave, transbordando a,
truca, truca, truca, truca
truca, truca, truca.

Â No desmedido caixÃ£o,
grande sonhor ali jaz.
Pupilo de SatanÃjs?
Alma pura, de eleiÃ§Ã£o?
Dom Afonso ou Dom JoÃ£o?
Para o caso tanto faz."

Antônio Gedeão, in Teatro do Mundo